

## A TEOLOGIA E O IDEALISMO COMO INVERSÃO DA ORDEM CONCRETO/ABSTRATO EM FEUERBACH\*

Jorge Luis Carneiro Lopes<sup>1</sup>

**Resumo:** Feuerbach se inscreve na história da filosofia como um pensador crítico. É conhecido principalmente pela sua crítica a Hegel e à teologia cristã. Mas antes disso, Feuerbach é, na verdade, um naturalista. O ponto que liga essas duas críticas reside na sua eminente defesa da natureza, no fato de que sua filosofia tem como alicerce a concepção de natureza enquanto fundamento de tudo. Assim, a noção feuerbachiana de natureza (matéria), que é para ele o fundamento do espírito (homem), é a base para toda a crítica que o autor faz mediante o idealismo e a teologia. Diante disso, nosso trabalho pretende demonstrar a valorização da natureza e a maneira como, segundo Feuerbach, o abstrato é advindo do concreto, o espiritual do material, e não o contrário, como o concebem a teologia e o idealismo, com a inversão dessa ordem real.

**Palavras-chave:** Feuerbach. Teologia. Idealismo. Natureza. Abstrato.

**Abstract:** Feuerbach emerges in the history of philosophy as a critical thinker. It is known primarily for his critique of Hegel and its Christian theology. But before that, Feuerbach is actually a naturalist. The point that makes the connection between these two critical is its his eminent defense of nature, the fact that his philosophy conception is founded on the meaning of nature understood as the basis for everything. Therefore, Feuerbach's notion of nature (matter), which is for him the basis of the spirit (man), it is the basis for all the criticism made by the author by idealism and theology. About it, our work intend to demonstrate the appreciation of nature and the way how, according to Feuerbach's thinking, the abstract is coming from the concrete, the spiritual comes from the material, and not the opposite, and even how theology and idealism conceive the reversal of this order real.

**Keywords:** Feuerbach. Theology. Idealism. Nature. Distrat.

---

\* Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas – UFC/CNPq.

<sup>1</sup>Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista FUNCAP. E-mail: jorge.lcl@hotmail.com

Neste texto pretendemos demonstrar, a partir do filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872), como a teologia cristã e o idealismo filosófico criam uma inversão na ordem natural natureza/espírito ou concreto/abstrato. Para tanto, percorreremos por algumas obras do pensador de Landshut, perpassando pela sua concepção de natureza enquanto fundamento da existência humana e pela crítica à teologia cristã e ao idealismo como inversão dessa ordem natural, a partir da consideração desdenhosa da natureza como simples criatura divina e da concepção do espírito como algo superior e até precedente à matéria. Feuerbach aponta que a religião cristã é responsável pelo afastamento entre o homem e o seu real fundamento, a natureza, bem como pela formação de um orgulho no homem diante do mundo natural, a ponto de se considerar superior à sua própria origem.

A religião, no seu sentido primeiro, é uma manifestação da intimidade do homem, algo que lhe é inseparável. Mas na medida em que desenvolve pretensões teóricas, especulativas, e concebe um ser (Deus) que desdenha o mundo sensível, a religião passa a ser uma abstração vazia, que desconhece o homem real e o afasta de sua existência efetiva. Aqui fixaremos a primeira explicitação conceitual: a distinção entre religião e teologia segundo Feuerbach. A religião se caracteriza por ser algo natural, intrínseca ao homem, estando presente de modo espontâneo em toda a sua vivência e estabelecendo, portanto, íntima relação com sua existência tanto interna — em seus pensamentos e sentimentos — quanto no âmbito exterior — nas relações com os demais e o mundo natural. Em contrapartida, a teologia se desenvolve como um conjunto de pretensões teóricas sobre o sentimento religioso. Dito de outro modo, a teologia pode ser considerada como a religião que desconhece seu verdadeiro fundamento, ao estabelecer o objeto religioso (Deus ou deuses) como algo absoluto, despreendido do mundo material e superior à natureza e ao homem, sem reconhecer que a verdade do ser divino reside na humanidade.

A religião não é originalmente algo à parte, distinto da essência humana. Somente depois, somente em seu desenvolvimento posterior torna-se algo à parte, apresenta-se com pretensões especiais. Saio e combate somente contra essa religião arrogante, soberba, espiritual e que exatamente por isso tem por representante uma classe oficial especial. (FEUERBACH, 2009, p. 49).

A crítica de Feuerbach à teologia se inicia na consideração desta como um sentimento religioso que desconhece a si mesmo enquanto sentimento, que estabelece seu objeto — o qual na verdade é antropológico — como uma verdade fora do homem, dando a esse objeto

um *status* ilusório. Assim, o desconhecimento do fundamento antropológico é o que permite a existência da “religião arrogante, soberba, espiritual”, que nega o homem na afirmação de uma quimera. É esse fato, então, que constitui o problema de Feuerbach no que se refere à mesma: ela está baseada na alienação do homem. Em outros termos, é a distância que separa o homem de seu sentido original, verdadeiro, o fator sobre o qual se edifica a religião — aqui, enquanto teologia —, pois o homem religioso não se dá conta da sua condição alienada, não percebe que suas preces e reverências são, na verdade, direcionadas a um ser que tem a sua existência pessoal apenas no imaginário, no abstrato vazio.

A teologia se diferencia do sentido originário da religião. Esta é a manifestação do sentimento, do amor, da sensibilidade humana. Já a teologia, ao contrário, não se desenvolve de modo espontâneo, mas artificial, teórico. Nas *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia* (1842), Feuerbach expõe a identificação da religião com o coração, isto é, com o amor, com a sensibilidade. Trata-se aqui de seu sentido verdadeiro, genuíno. Salientamos que Feuerbach se refere ao fundamento real da religião, à sua consideração como “a crença do amor em si mesmo”, portanto, religião enquanto interação do homem com suas faculdades essenciais, não como um *religare* do homem com a divindade que está fora dele, que existe de modo autônomo — ou seja, não como a religião compreende a si mesma.

Enquanto a religião está como o sentimento disposto para si mesmo, como verdade do sentimento, a teologia está como uma contradição a essa verdade, pois ela é a tentativa de racionalização da verdade humana acerca do divino, da verdade do coração. Ao conceber um Deus separado do homem, a teologia separa-se da verdade antropológica, contradizendo a religião verdadeira.<sup>2</sup>

Sem dúvida, o coração tem necessidade de um outro ser, porém, apenas de um ser que lhe seja semelhante e não diferente do coração, e que também não o contradiga. A teologia *nega a verdade do coração, a verdade da paixão religiosa*. A paixão religiosa, o coração, diz, por exemplo: <<Deus *sofre*>>; a teologia, pelo contrário, afirma: <<Deus *não sofre*>>; ou seja, o coração nega a distinção entre Deus e o homem, a teologia afirma-a. (FEUERBACH, 2002, p. 29).

Existem, portanto, duas maneiras de se referir à religião em Feuerbach. Uma diz respeito ao seu caráter verdadeiro, como verdade do coração. Sob esse ponto de vista, a

---

<sup>2</sup> Refere-se aqui à “religião verdadeira” porque em Feuerbach a religião desconhece seu fundamento, por compreender a(s) divindade(s) como ser (es) independente(s), objetivo(s), autônomo(s). A verdadeira religião seria aquela que se sabe com suas raízes no homem, que se compreende enquanto sentimento propriamente humano, relação do homem consigo mesmo.

religião é inerente ao homem, o faz um ser especial. O outro modo concerne à sua versão falsa, inconsciente. Nesse sentido, a religião se identifica com a teologia, por desconhecer seu fundamento e levar o homem a pensar num ser distinto e alheio a ele mesmo. Então, vale dizer: neste texto trataremos da versão falsa da religião em Feuerbach, isto é, da religião enquanto teologia, do sentimento inconsciente de si.

Assim como a teologia, a filosofia especulativa, ao fazer abstração da realidade, concebendo a matéria como oriunda do espírito, acaba deixando “escorrer” essa mesma realidade “por entre os dedos”. Para Feuerbach, aquele que considera o pensamento superior à matéria, dando a ele primazia, deixa-se enganar acerca da verdade das coisas. Temos aqui um importante tópico do embate de Feuerbach com outros autores com relação à dualidade pensamento/matéria. Feuerbach, em distinção a muitos, concebe a matéria como pressuposto para o espírito. Assim, a natureza, o mundo material, precede o espírito, e não o contrário, como vemos na filosofia idealista e no cristianismo. A abstração, portanto, retira a essência do próprio ser, ao concebê-lo sem conteúdo, vazio.

Podemos aqui mencionar a atenção especial de Feuerbach sobre a teologia cristã, que se dá na medida em que esta desenvolve uma compreensão complexa de Deus como personalidade absoluta, abstrata. Diante das demais formas de religião, Feuerbach volta-se para o cristianismo por entender que neste o idealismo teológico é levado às últimas consequências, dado que na visão cristã a vontade divina é fundamento para a existência da natureza, de modo que o espírito (Deus) é entendido como princípio superior e independente dela.

A natureza, por sua vez, corresponde a um pressuposto tão importante em Feuerbach, que sem ela não seria possível compreender o seu pensamento. Em Feuerbach a natureza é o princípio da realidade. Melhor dizendo, a natureza é a própria realidade. Fora dela não há realidade alguma. Feuerbach, portanto, foi um pensador avesso a qualquer tentativa de compreender o natural partindo do sobrenatural. Seu pressuposto mais importante, a natureza, é para ele a premissa essencial da existência humana e por isso também constitui um ponto de partida para a rígida posição do filósofo frente a qualquer forma de idealismo, seja religioso, filosófico ou de qualquer outra espécie.

Feuerbach distingue-se bastante de pensadores como Descartes, Leibniz, Espinoza, Hegel, dentre outros, por pensar a natureza, a matéria, como fundamento para o pensamento e

a existência. Sobre Espinoza, Feuerbach apresenta uma divergência importante a respeito do conceito de matéria. Para ele,

Espinoza fez da matéria um atributo da substância, não porém como um princípio de afecção, mas justamente porque ela não sofre, porque é única, indivisível e infinita, porque possui exatamente as mesmas determinações que o seu contrário, o atributo do pensamento, em suma, porque é uma matéria abstrata, uma matéria sem matéria. (FEUERBACH, p. 27/28).

A concepção feuerbachiana de matéria é, portanto, pautada sob uma perspectiva de antagonismo ao pensamento abstrato, a qualquer realidade abstrata. A matéria, aquilo da qual é constituída a natureza, é um princípio estritamente concreto, transitório, perecível. Sobre a relação com a natureza, afirma Feuerbach (apud CHAGAS, 2009, p. 40): “(...) ela [a natureza] não é para mim Deus, como é para Spinoza, ou seja, um ser ao mesmo tempo sobrenatural, transcendente, (...) misterioso, simples, e sim um ser múltiplo, (...) real, perceptível com todos os sentidos.” O fundamento em Feuerbach é a natureza, mas a natureza enquanto determinidade, transitoriedade, como matéria, no sentido próprio do termo.<sup>3</sup>

O cristianismo desconhece totalmente a verdade da natureza, desprezando-a quando tem acima de todas as coisas o conceito de personalidade. O cristão festeja na personalidade divina o afastamento aparente entre si mesmo e a natureza. O antagonismo apontado pela religião cristã e pela concepção abstrata do homem entre este e a natureza é apenas uma falsa ideia, uma tentativa de libertação dos limites impostos pela existência material e os medos trazidos por ela.

A teologia cristã causa um processo alienador, uma cisão no homem e em sua realidade, enquanto o compreende como ser distinto de Deus, na condição de criatura de um ser de natureza extramundana e absoluta. Feuerbach entende que a concepção de Deus como um ser absoluto, independente e supremo, é simples projeção da essência humana.<sup>4</sup> Isso significa que o homem, sabendo-se fraco, finito e pequeno diante da natureza, concebe um Deus forte, imortal e dotado de poder infinito. Mas esse Deus é apenas o desejo humano de superação da natureza.

---

<sup>3</sup> De acordo com Eduardo F. Chagas (2009, p. 50), “a natureza é, sim, o princípio, a essência, da filosofia spinoziana. Mas a natureza de Spinoza não é nenhum objeto da sensibilidade, nenhum exterior, externo, nenhum outro visível, manifesto, mas uma essência abstrata, não sensível, metafísica, que não tem nenhuma realidade fora da substância (de Deus)”.

<sup>4</sup> N’A *Essência do Cristianismo* (2012, P.45/46), Feuerbach afirma: “A essência divina não é nada mais que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das suas limitações individuais, i.é., real, corporal, objetivada, contemplada e adorada como uma outra essência própria, diversa da dele — por isso todas as qualidades da essência divina são qualidades da essência humana.”

Ao ser Deus um ser superior ao mundo natural, pode-se compreender que este nada mais é do que o desejo do homem de ser independente da materialidade, de superar suas limitações corpóreas, sua finitude e transitoriedade, de modo que em Deus o homem pensa a si mesmo como um ser independente, sobrenatural, que transcende a própria morte. O homem tem em Deus a ilusão de ser superior à natureza, de ser dotado essencialmente de imortalidade. O cristianismo então “arranca o homem da natureza, pois o mundo externo contém *per se* um conteúdo que contradiz, segundo a vontade do cristão, um ideal de uma vida absolutamente ilimitada”. (CHAGAS, 2011, p. 12)

Em Feuerbach, não é Deus um ser espiritual, metafísico, o princípio da natureza, mas, ao contrário, é Deus uma criação do homem,<sup>5</sup> que, por sua vez, tem seu fundamento na natureza. Na teologia cristã temos, então, a negação do homem e da natureza. Uma negação do homem porque só Deus é ser perfeito e ilimitado, de modo que em Deus o homem tem a própria imagem abstraída da realidade, de sua origem natural; e uma negação da natureza porque através de Deus o homem desdenha o mundo, despreza a natureza na consideração desta como algo inferior, que foi criado pela mera vontade divina. Assim a teologia afasta o homem de si mesmo quando lhe retira de seu verdadeiro fundamento. Para Feuerbach, essa inversão da ordem natureza/espírito e a consequente alienação do homem não se dão somente no âmbito da teologia.

Assim como a teologia cinde e aliena o homem para, em seguida, de novo com ele identificar sua essência alienada, assim Hegel multiplica e cinde a *essência simples, idêntica a si*, da natureza do homem para, em seguida, de novo reconciliar à força o que fora violentamente separado. (FEUERBACH, 1988, p. 21)

Imerso na ilusão do idealismo teológico e filosófico, o homem afasta-se do verdadeiro sentimento de infinito, de seu verdadeiro reconhecimento, já que a concepção de infinito que se estabelece na teologia e na filosofia especulativa é na verdade uma concepção de finito, mas distorcida de seu sentido original. Na teologia e na filosofia idealista, o infinito é tratado como algo independente, abstraído do mundo. Mas isso se dá por meio de um pensamento distorcido que não reconhece o verdadeiro significado do mundo natural. Portanto “o infinito da religião e da filosofia é e nunca foi mais do que algo de *finito*, determinado, mas *mistificado*, isto é, um ser finito e determinado, com o *postulado* de nada ser de finito, de determinado”. (FEUERBACH, 1988, p. 25)

---

<sup>5</sup> Criação humana no sentido em que o homem projeta Deus a partir de si mesmo, de sua própria essência, relacionando-se com ela como se fosse outra.

Há então nesses moldes, pautados numa concepção de natureza como ser primário, uma crítica que se estende não somente à teologia cristã, mas também ao idealismo filosófico.<sup>6</sup> Feuerbach distingue-se bastante dos pensadores idealistas e racionalistas por pensar a natureza como fundamento para o espírito. Portanto, sob esse ponto de vista, a teologia não se encontra sozinha diante da ferrenha crítica do pensador alemão, atestando que a intenção deste não se limita na pretensão de superar o pensamento teológico, mas reside, sobretudo, na busca de uma fundamentação concreta para o homem, além do reconhecimento da natureza. Com relação ao afastamento do homem de seu sentido verdadeiro, a religião e a filosofia idealista proporcionam efeitos análogos.

Pode-se aqui colocar a seguinte questão: dado que o fundamento do homem reside na natureza, isto é, na matéria, e que esta não possui *em si* nada de abstrato, de “substancial” no sentido spinozano, como explicar as ideias estritamente abstratas, como espaço e tempo, por exemplo? Onde está o fundamento para essas ideias e outras abstrações de autoria do homem? Diante disso, Feuerbach propõe que as ideias ou “intuições” abstratas, como o sentimento do infinito<sup>7</sup>, do absoluto, do indeterminado, do espaço e tempo, não são mais que projeções humanas, oriundas de sua essência infinita. É importante ressaltar aqui que não se trata de uma essência infinita independente da natureza, como é o Deus cristão, por exemplo. A essência humana tem o seu fundamento no gênero, que se realiza na comunidade. Assim o homem se realiza enquanto tal na medida em que se relaciona com o outro, o Eu com o Tu. A relação do Eu com o Tu constitui efetivamente a comunidade, que por sua vez possui como fundamento a natureza. Isso quer dizer que, em Feuerbach, todas as coisas, direta ou indiretamente, remetem à natureza.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup>Como afirma Eduardo F. Chagas (2009, p. 38): “A natureza, entendida como totalidade, como unidade orgânica, como harmonia de causas e efeitos, como pressuposto necessário para todos os objetos, fenômenos e criaturas, plantas e animais, inclusive para a natureza humana, fornece a Feuerbach o fundamento de sua crítica ao teísmo e ao idealismo”.

<sup>7</sup>Notemos aqui que a ideia de infinito em Feuerbach não deve ser concebida de modo independente, desprendido da finitude; isto quer dizer que o infinito é concebido no finito, isto é, ambos não se separam. Nas *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia* (1842), Feuerbach afirma: “O infinito não pode pensar-se sem o finito. Podes tu pensar, definir a qualidade, sem pensar numa qualidade determinada? Por conseguinte, o primeiro não é o indeterminado, mas o determinado, pois a qualidade *determinada* nada mais é do que a qualidade *real*; a qualidade real precede a qualidade pensada”. (FEUERBACH, 2002, p. 24).

<sup>8</sup>“(…) a natureza (*Natur*) em Feuerbach possui o primado ante o espírito; ela é a primeira estrutura da existência e diante dela se põe o entendimento como algo secundário.” (CHAGAS, 2009, p. 38)

A natureza, por seu turno, é também fundamento para as abstrações humanas. Feuerbach defende a relação essencial entre o material e o não material, o concreto e o abstrato, de modo a definir a natureza como o ponto de partida para o pensamento.

O universo pressupõe o tempo ou é o tempo que pressupõe o universo? O universo é a água, o tempo é o movimento da água; mas não é a água, quanto a sua natureza em si, anterior a seu próprio movimento? O movimento da água não pressupõe a água? Não é seu movimento uma consequência de sua natureza e qualidade peculiar? Não é então igualmente uma tolice pensar o universo como surgido no tempo, como que pensando a essência de uma coisa surgida a partir das consequências dessa essência? (FEUERBACH, 2009, p. 132)

Não são as coisas que pressupõem espaço e tempo, mas ao contrário, o espaço e o tempo pressupõem as coisas. Aqui Feuerbach diverge de Kant. Para ele o mundo é sempre o pressuposto, sendo o concreto a verdadeira origem do abstrato. É possível levarmos aqui em consideração a seguinte objeção: mesmo sendo o homem um ser natural, material, ele é também um ser espiritual. Partindo daí, como explicar a existência do espírito? Como pode surgir o espírito da matéria? Segundo Feuerbach, essa indagação é comumente dirigida do deísta para o ateu. Mas a dificuldade de se compreender como o espírito pode ser derivado da natureza, ressalta o materialista, só existe na medida em que já se considerou a natureza como algo secundário, quando “faz-se da natureza uma imagem indecente”, enquanto “por outro lado, faz-se do espírito uma imagem elevada, soberba” (FEUERBACH, 2009, p.176). Isso quer dizer que se o homem tivesse a natureza sobre o mesmo patamar do espírito, tal dificuldade não seria tão patente. Feuerbach (2009, p. 176) lembra que “quando se transforma o espírito em um Deus é natural que ele só possa ter uma origem divina”.

O espírito só se desenvolve com o corpo, com os sentidos, com o homem em geral, ele está ligado aos sentidos, à cabeça, aos órgãos corporais em geral; deve então o órgão corporal, a cabeça, isto é, o crânio e o cérebro, surgir da natureza, mas o espírito na cabeça, isto é, a atividade do cérebro surgir de um ser de uma espécie inteiramente diversa da natureza, de uma entidade da abstração e da fantasia, de um Deus? Que mediocridade, que cisão, que inversão! De onde vem o crânio, o cérebro, daí vem também o espírito; de onde vier o órgão, daí virá também o funcionamento dele, pois como se poderia separar ambos? Se então é o cérebro, o crânio, um produto da natureza, o espírito também o é. (FEUERBACH, 2009, p.176)

O pensamento é, em Feuerbach, algo que se desenvolve a partir do mundo, ligado fortemente a ele, e não abstraído da concretude. Ser e pensar são duas realidades que não se separam de modo decisivo pela abstração filosófica ou teológica. Ao contrário, o pensamento e a matéria são duas partes harmônicas (aquele advindo desta), componentes de um mesmo

todo: a natureza. A humanidade estabelece a unidade essência/existência em Feuerbach, constituindo o cerne da realidade unificada, não dualista. Assim, o homem é a dimensão onde se encontra o finito e o infinito. O finito porque é ele um ser mortal, transitório. O infinito, porque, mesmo sendo mortal, é um ser genérico,<sup>9</sup> possui uma essência infinita, universal. Enquanto indivíduo, isto é, ser natural, perecível, o homem está submerso na finitude. Por outro lado, enquanto ser genérico, ser comunitário, o homem possui infinitude, imortalidade.<sup>10</sup>

A razão e as ideias não devem ser concebidas por si mesmas, como essência independente,<sup>11</sup> sob a pena de se perder de vista o homem verdadeiro, a comunidade real. Na sua crítica à teologia cristã e à filosofia especulativa, Feuerbach tem como linha mestra a concepção do homem como ser natural, que mesmo sendo racional, deve compreender a razão como parte da natureza, e não a natureza como parte da razão. Assim, há uma defesa do homem integral, bem como a apresentação da verdadeira face do infinito, ou melhor, do finito. Nos *Princípios da Filosofia do Futuro* (1842) Feuerbach salienta:

Não queira ser filósofo na *discriminação quanto ao homem*; sê apenas um *homem que pensa*; não penses como pensador, isto é, *numa faculdade arrancada à totalidade do ser humano real e para si isolada*; pensa como *ser vivo e real*, exposto às vagas e vivificantes e refrescantes do oceano do mundo; pensa na existência, no mundo como membro do mundo, e não no vazio da abstração como uma mônada isolada, como um monarca absoluto, como um deus indiferente e exterior ao mundo — em seguida, podes estar seguro de que os teus pensamentos são unidades de ser e de pensar. (FEUERBACH, 2002, p.94)

Por que então provocar uma cisão naquilo que deve permanecer uno? Sendo o homem um ser excepcionalmente natural, como conceber um sentido para além de suas determinações naturais, e usá-lo para explicar o seu próprio fundamento? Não seriam o homem e a sua realidade, desse modo, mal compreendidos? Esses são problemas que podemos perceber a partir da análise da filosofia idealista e do cristianismo erigida sob a ótica feuerbachiana. Quando é necessário um sentido abstrato, alheio ao mundo para se compreender as qualidades

---

<sup>9</sup> O gênero é aquilo que caracteriza o homem como homem. Isso quer dizer que em Feuerbach o gênero consiste nas qualidades universais, aquelas das quais todos os homens são dotados, aquilo que corresponde ao homem de modo essencial.

<sup>10</sup> Para Feuerbach a verdadeira imortalidade é obtida somente pela humanidade, pelo gênero, não pelo indivíduo. Assim o homem “perdura somente em suas obras, nas influências que exerceu dentro de sua esfera, de seu papel histórico. Somente esta é a imortalidade moral ou ética.” (FEUERBACH, 2009, p. 28)

<sup>11</sup> Nas *Preleções sobre a Essência da Religião* (1851) Feuerbach deixa claro a inversão feita pelo homem, quando troca a causa pelo efeito. Diz o filósofo: “Mas não obstante tenha o homem abstraído espaço e tempo das coisas espaciais e temporais, pressupõe ele entretanto essas formas como os primeiros fundamentos e condições de existência dessas coisas.” (FEUERBACH, 2009, p. 137)

“da fantasia e da intuição humanas”, não são estas em suas próprias características negligenciadas? Aqui reside a intenção de Feuerbach ao se opor ao conceito especulativo de absoluto, tal como foi exposto por Hegel. Seu desejo é que sejam desveladas a sensibilidade, a fantasia, a intuição humanas e, com elas, que se salve o próprio homem e tudo aquilo que é distorcido pelo idealismo teológico/filosófico, mas que na verdade é natural.

Feuerbach refuta o caráter “independente” do absoluto hegeliano, apresentando o mesmo como simples desdobramento do pensamento, algo que tem seu ponto de partida e de chegada no homem.

Segundo Hegel, o espírito absoluto manifesta-se ou realiza-se na arte, na religião, na filosofia. Em vernáculo isto significa: o espírito da arte, da religião, da filosofia é o espírito absoluto. Mas não é possível separar a arte e a religião da sensação, da fantasia e da intuição humanas, nem a filosofia do pensamento, em suma, o espírito absoluto do espírito subjetivo ou da essência do homem, sem de novo nos transferir para o antigo ponto de vista da teologia, sem nos levar a tomar o espírito absoluto por um *outro* espírito, diferente do ser humano, isto é, como um fantasma de nós mesmos existindo fora de nós. (FEUERBACH, 2002, p. 22)

Aos olhos de Feuerbach, Hegel partiu do fim para o início. Para o materialista, o homem é princípio para o absoluto, e não o inverso. Isso não quer dizer que homem é um ser absoluto. Não. Se Feuerbach pretendesse uma defesa do homem como um ser absoluto, cairia em profunda incoerência. O homem é um ser de carências, um ser transitório, natural. Quando se diz aqui que o homem é “princípio para o absoluto”, isso se refere apenas ao fato de que, em Feuerbach, as ideias de infinito, de absoluto, entre outras, possuem seu fundamento no homem, e não o contrário. As atividades humanas — como a religião, arte e filosofia — são absolutas por si mesmas enquanto atividades humanas, e é a partir delas que surge a própria ideia de absoluto. Feuerbach alega:

O caminho até agora seguido pela filosofia especulativa, do abstrato para o concreto, do ideal para o real é um caminho invertido. Neste caminho, nunca se chega à realidade verdadeira e objetiva, mas sempre apenas à *realização de suas próprias abstrações* e, por isso mesmo, nunca à verdadeira *liberdade* do espírito; pois, *só a intuição das coisas e dos seres na sua realidade objetiva é que liberta e isenta o homem de todos os preconceitos.* (FEUERBACH, 2002, p. 25)

Eis o ponto em comum, identificado por Feuerbach, entre a filosofia especulativa e a teologia: a inversão provocada na realidade. Ambas — teologia e filosofia especulativa — fundaram-se em conceitos abstratos e deles partiram, afastando-se por isso do caminho da verdade sensível, sem reconhecer que os mesmos conceitos abstratos são oriundos da natureza, e não alheios a ela. Nesse aspecto, com relação ao pensamento abstrato, Feuerbach

não deixa dúvida: o homem em sua realidade (a natureza) é a base, o ponto de partida. Lembremos que não se trata aqui do homem enquanto indivíduo, sujeito isolado ou independente, mas do homem ligado essencialmente ao outro e à natureza. O autor destaca que “a essência da teologia é a essência do homem, *transcendente*, projetada para fora do homem; a essência da lógica de Hegel é o pensamento *transcendente*, o pensamento do homem *posto fora do homem*.” (FEUERBACH, 2002, p. 21)

Assim como a abstração filosófica idealista faz desvanecer a verdade sobre o homem, a teologia, na imagem de Deus, faz a mesma verdade sucumbir, porquanto for subjugada a natureza pelos preceitos teológicos. Aqui temos a concepção de nova filosofia em Feuerbach. Se a teologia cristã e a filosofia idealista representaram apenas insuficiências para o homem, é necessária uma nova forma de pensar, capaz de reconhecer o ser de maneira honesta, isto é, justa para com a sua verdade inerente: a natureza, o mundo material. “A tarefa da verdadeira filosofia não é reconhecer o infinito como finito, mas o finito como o não finito, como o infinito; ou, não é transpor o finito para o infinito, mas o infinito para o finito”. (FEUERBACH, 1988, p. 24)

A filosofia que deduz o finito do infinito, o determinado do indeterminado, *nunca chega a uma verdadeira posição do finito e do determinado*. Deduzir o finito do infinito é determinar e *negar* o infinito e o indeterminado; é admitir que, *sem determinação*, isto é, *sem finidade*, o infinito *nada* é, é pois confessar que o *finito* se põe como a *realidade* do infinito. (FEUERBACH, 2002, p. 24)

Assim o pensador de Landshut desenvolve uma filosofia da sensibilidade, da sensorialidade, dando importância para aquilo que se constitui como realidade exterior ao sujeito. Já no prefácio à segunda edição de *A Essência do Cristianismo* (1841), Feuerbach (2012, p. 20) deixa claro que firma suas ideias “sobre materiais que podemos buscar sempre através da atividade dos sentidos” que não produz “coisas a partir do pensamento, mas, inversamente, os pensamentos a partir das coisas, mas coisa é somente o que existe fora da cabeça”. Se concebemos o abstrato de alguma maneira, devemos compreender que o seu fundamento reside na matéria, e não fazer dele algo independente. A preocupação de Feuerbach é com o mundo real, o mundo que temos, imperfeito, contingente. Talvez, se assim como ele, olhássemos nosso mundo com maior sensibilidade e respeito para com a natureza, o compreenderíamos e o aceitaríamos melhor. Dessa maneira, certamente estaríamos mais aptos a vivenciá-lo e a transformá-lo, ao invés de aguardar de modo pacato, omissivo, e porque não dizer, até mesmo covarde, por aquilo que nosso desejo e fantasia apontam como real.

### Referências bibliográficas

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. In: CHAGAS, Eduardo Ferreira, REDYSON, Deyve e PAULA, Marcio Gimenes de (org). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: edições UFC, 2009.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A aversão do Cristianismo à natureza em Feuerbach. In: *Philosophos*, Goiânia, v.15, n. 2, p. 57-82, jul./dez. 2010.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A Razão em Feuerbach como base da unidade do homem e da natureza. In: *Princípios*, Natal, v. 14 n. 21 p. 215-232, jan./jun. 2007.

CHAGAS, Eduardo Ferreira, REDYSON, Deyve e PAULA, Marcio Gimenes de (org). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: edições UFC, 2009.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem? In: OLINDA, Ercília Maria Braga De. (org.) In: *Formação Humana: liberdade e historicidade*. Fortaleza: UFC, p.86-105, 2004.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Necessidade de uma Reforma da Filosofia*. In: *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. *Para a Crítica da Filosofia de Hegel*. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo: LiberArs, 2012.

\_\_\_\_\_. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. In: *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

HAHN, Paulo. *Consciência e Emancipação: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

REDYSON, Deyve e CHAGAS, Eduardo Ferreira (org). *Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza*. São Leopoldo: nova harmonia, 2011.